

Beatles: Filmes inéditos do grupo estão à venda na internet • 3

# SEGUNDO CADERNO

Disco: 'Carioca', o show de Chico Buarque, chega às lojas • 6

SEXTA-FEIRA, 3 DE AGOSTO DE 2007

## O senador vai ao cinema

Versão cinematográfica de um de seus romances faz José Sarney recordar ligações com a sétima arte

Adriana Vasconcelos

BRASÍLIA

**E**le admite que nunca foi um cinéfilo. Aliás, raramente costuma frequentar salas de cinema e nunca se preocupou em montar uma DVDteca em casa. Prefere usar seu tempo livre lendo ou escrevendo romances. Isso quando consegue se livrar dos compromissos impostos por uma carreira política que já dura mais de 40 anos. Mas, na última segunda-feira, o senador José Sarney (PMDB-AP) abriu um espaço na agenda para assistir em São Paulo à pré-estréia do filme "O dono do mar", baseado em romance de sua autoria. Confessa que entrou apreensivo no cinema, lembrando o que costumava ouvir de Jorge Amado, que foi seu colega na Academia Brasileira de Letras e reclamava de nunca ter reconhecido suas obras em adaptações cinematográficas. Sarney garante, porém, que aprovou o resultado do filme dirigido por Odorico Mendes.

— O cinema é muito mais complexo que a literatura. Visitei umas duas vezes o set de filmagens e tive a certeza de que era muito mais fácil escrever do que fazer cinema, tal a quantidade de elementos que são necessários na construção de uma obra cinematográfica. Enquanto a literatura lida com palavras e imaginação, o cinema lida com luz, sombra, paisagens, cores — observa o senador.

Por isso mesmo, Sarney conta que em nenhum momento pensou em interferir na produção do filme e é comedido ao comentar as numerosas cenas de nudez apresentadas ao longo da obra.

— Não dá para interferir na vontade dos cineastas, porque eles passam a ser os donos da obra cinematográfica, e o tratamento de eles certo à moda, por nós não imaginamos em livro, é deles. De qualquer modo, pode a gente não se identificar muito com as cenas de nudez, mas todas elas são muito bonitas — acrescenta.

O lançamento do filme "O dono do mar", que estréia hoje no Rio, acabou remetendo Sarney a lembranças antigas. Como da época em que "uma tia velha, a tia Cotinha", dava-lhe sempre uma moeda quando a visitava para que fosse ao cinema Olímpia em São Luís, um dos mais baratos que podia frequentar na época de estudante.

— Na minha geração, o cinema era uma novidade, uma reunião social. Tinha os intervalos, quando se conversava, trocávamos opiniões sobre o filme e outros assuntos. Mas, hoje, tenho ocupado o meu tempo disponível lendo ou escrevendo. Na juventude, tinha mais intimidade com o cinema — confessa.

### Um extra em "Terra em transe"

• Apesar dessa pouca intimidade com o cinema, durante o regime militar, Sarney presidia o Festival de Cinema de Brasília, o que o levou a se aproximar do que classifica de "velha geração" do cinema brasileiro. Foi nessa época que conheceu Nelson Pereira dos Santos, Luiz Carlos Barreto e Glauber Rocha, que chegou a fazer um documentário de sua posse como governador do Maranhão.

— O Glauber Rocha foi ao Maranhão fazer o documentário da minha posse. Algumas cenas de "Terra em transe" foram aproveitadas desse documentário. De maneira que fui extra no filme de Glauber Rocha — lembra orgulhoso.

Aliás, essa não foi a única colaboração de Sarney para o cinema brasileiro. Em algumas ocasiões, ele foi usado como escudo pelos cineastas preocupados em livrar suas obras da censura do regime militar.

— Aqui (em Brasília), nos festivais de cinema, eu era uma espécie de lanterna de sinal, porque era no tempo do governo militar, e eu, então, ficava na frente do festival, o que dava um certo aval para que colocassem todos os filmes, e a Censura não agisse — recorda o senador.

Ele também se orgulha de ter sancionado, como presidente da República, a primeira lei de incentivos fiscais para o setor:

— Foi comigo que se fez a lei dos incentivos fiscais. Há 30 anos apresentei o primeiro projeto. E só se tornou realidade porque fui presidente da República.

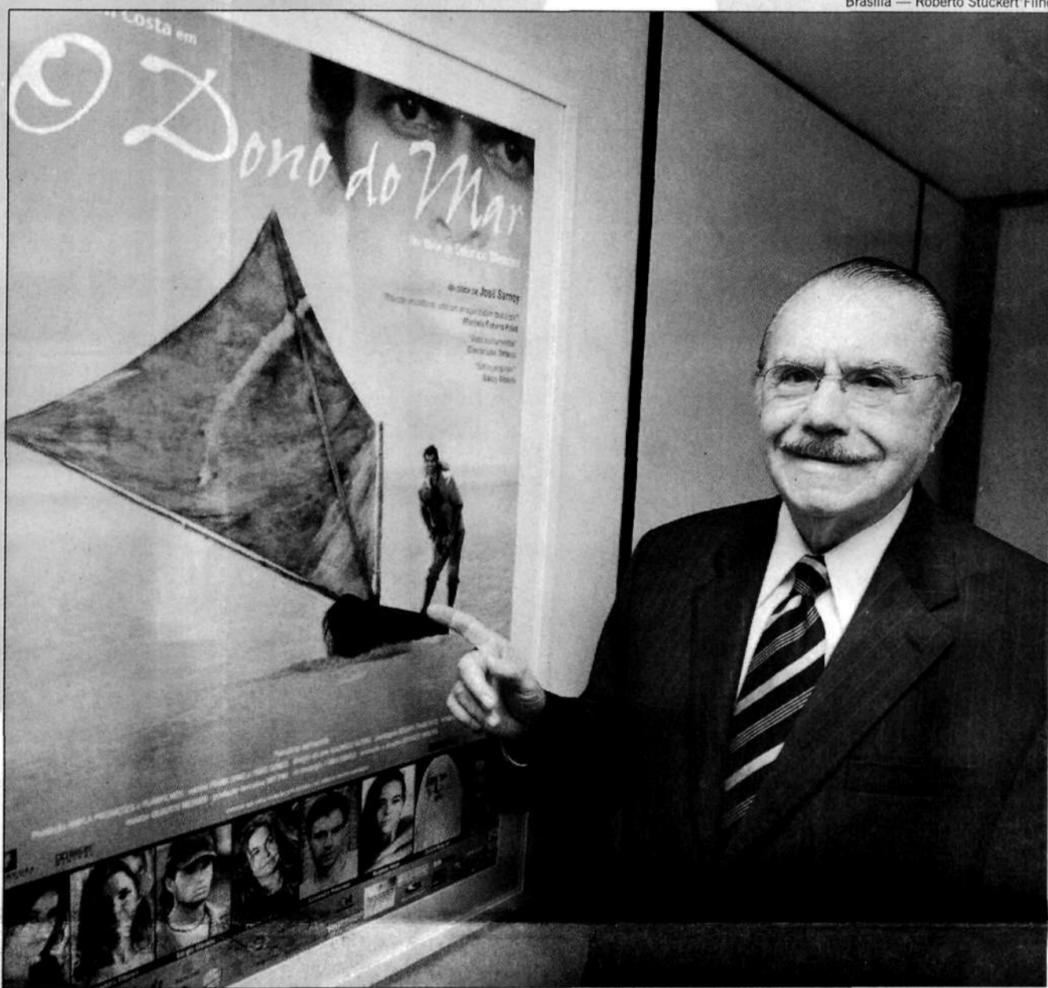
Mesmo admitindo as dificuldades para se fazer cinema no país, o senador minimiza a dependência do setor cinematográfico dos investimentos públicos.

— A não ser nos EUA, que têm uma indústria cinematográfica poderosa, o cinema é sempre subsidiado. Na França, por exemplo, há uma linha de crédito muito generosa para o cinema — salienta.

Sarney nega ainda que tenha tido qualquer influência no apoio oferecido por 20 empresas, entre elas as estatais Petrobras, Eletrobrás, BNDES, Furnas e Banco do Nordeste, para a produção do filme "O dono do mar".

— Basta ver os sete anos de peregrinação para angariar recursos para o filme. Isso mostra como é difícil fazer cinema no país — conclui. ■

• LEIA A CRÍTICA DO FILME no Rio Show



Brasília — Roberto Stuckert Filho

### JOSÉ SARNEY

no seu gabinete:

"Na minha geração, o cinema era uma novidade, uma reunião social"

### Um Odorico Mendes de Santos

Diretor é homônimo de político e poeta maranhense

André Miranda

• É apenas uma coincidência. O diretor de "O dono do mar" não é parente de Manoel Odorico Mendes, um político, poeta, tradutor (traduziu "Ilíada" e "Odisséia", de Homero) e humanista nascido no fim do século XVIII no... Maranhão. Na verdade, Odorico Mendes é um publicitário de 54 anos, paulista de Santos e, como todo bom santista faz questão de frisar, fã de Pelé.

— O que eu sei da história é que meu avô foi batizado como Odorico Mendes para homenagear o poeta. Mas nunca tive contato algum. Nem sei dizer se meu avô era do Maranhão. Só sei que eu acabei como Odorico Mendes Neto — conta.

Nome — ainda? — pouco conhecido do cinema brasileiro, Mendes fez, em 1993, o filme "Discretion assured", uma produção metade americana, metade brasileira, com os atores Michael York e Jennifer O'Neill. Depois, envolveu-se com o projeto "Drama urbano", um filme que seria protagonizado pelo grupo de pagode Ne- tritude Jr. (aquele do multimídia Neti-

nho) e teria participações de Taís Araújo, Luciano Huck e o Racionais MCs.

A ideia para fazer "O dono do mar" veio do produtor Fabio Gomes. Segundo Mendes, Fabio apareceu sugerindo que eles filmassem o "livro do Sarney". O diretor então leu o livro, gostou e topou a empreitada.

— Eu faço muitos filmes de publicidade. Aí o Fabio disse que eu deveria ler o livro, que era bom. Li e gostei — conta. — O filme está lindo. Sei que não adianta nada eu falar isso, porque eu que fiz, mas é verdade.

"O dono do mar" reúne um elenco de estrelas, como Jackson Costa, Daniela Escobar, Regiane Alves, Samara Felippo, Sérgio Marone, Isadora Ribeiro, Alexandre Paternost, Pepita Rodrigues e Odilon Wagner. Agora, Mendes tem mais quatro projetos de longas-metragens. Um deles, "Wink", vai ser rodado a partir de outubro, todo em inglês. Chegou-se, até, a cogitar a apresentadora Luciana Gimenez para um papel.

— Não rola porque é um filme meio pesado para ela. Vai ser uma história de obsessão — adianta Odorico Mendes.

Divulgação

CENA DE "O DONO DO MAR", segundo longa-metragem de Odorico Mendes, que demorou sete anos para chegar às telas

